

Transmasculinidade e a produção de redes de apoio e saberes sobre saúde, identidade e política no Facebook

Transmasculinity and the production of support networks and knowledge about health, identity and politics on Facebook

Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (POSCOM/UFBA-2020), mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP/UFES-2012), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (POSCOM/UFES-2015) e bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Ufes (2009). É membro do Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura (GiG@UFBA). Email: sergiorodrigosf@gmail.com

Resumo

Apresentamos neste artigo como homens transgêneros têm utilizado a plataforma de rede social Facebook para obter informações sobre hormonização, política de cuidados específicos e acesso aos serviços públicos de saúde, e, também, como produzem redes de apoio mútuo naquela espacialidade. Esta investigação é construída a partir de entrevistas com 15 homens trans usuários do Facebook e por meio da observação da sua produção on-line naquela plataforma. Como resultado evidenciaremos quais foram as fontes de informação, qual o papel da Internet na relação com o gênero, explicitando suas potências e limitações como fonte de informação e espaço para produção e circulação de saberes. Esquadrimos também o uso dos grupos e das páginas do Facebook dedicadas às temáticas trans.

Palavras-Chave

Facebook; Pessoas transgênero; Subjetividade; Comunicação digital.

Abstract

We present in this article how transgender men have used the social networking platform Facebook to obtain information on hormonization, specific care policy and access to public health services, and also how they produce networks of mutual support in that space. This investigation is built from interviews with 15 trans men who are Facebook users and through the observation of their online production on that platform. As a result, we will highlight the sources of information, the role of the Internet in relation to gender, explaining its strengths and limitations as a source of information and space for the production and circulation of knowledge. We also scan the use of groups and Facebook pages dedicated to trans themes.

Keywords

Facebook; Transgender people; Subjectivity; Digital communication

Introdução

A despatologização das identidades transgêneras é uma pauta que marca significativamente o movimento organizado de pessoas trans que sempre tiveram suas identidades classificadas pelos saberes institucionalizados médicos e psiquiátricos a partir de marcadores de anormalidade, qualificando a transexualidade/transgeneridade como transtorno, doença.

A questão já estava bastante desenvolvida como proposição nos princípios de Yogyakarta (CLAM, 2008), documento sobre direitos humanos nas áreas de orientação sexual e identidade de gênero, publicado como resultado de uma reunião internacional de grupos de direitos humanos em Yogyakarta, Indonésia, em 2006. Esses princípios diziam respeito a despatologização das identidades trans, criação de legislação específica contra a transfobia, uso do nome social e retificação do prenome independente de se ter realizado a cirurgia de redesignação sexual ou hormonização, e sem necessidade de diagnóstico médico ou psiquiátrico ou decisão judicial, além de ações de redução de danos sobre uso de hormônios, de autocuidado e de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (NERY, 2018).

No final dos anos 2000, houve um crescimento de pressões e campanhas em prol da despatologização, incluindo a *Stop Trans Pathologization* perpetrada a nível internacional, com eventos de conscientização e debates sobre o tema. Também houve críticas aos mecanismos e práticas classificatórias consideradas discriminatórias produzidas pelos saberes instituídos sobre corpos e sociabilidades trans.

Em 2018 uma grande vitória fora anunciada com a publicação do CID-11, a 11ª versão da *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*, lançada em 18 de junho daquele ano, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), na qual a transexualidade foi retirada da lista de doenças mentais e passou a ser classificada como incongruência de gênero entrando na categoria de questão relacionada à saúde sexual. No mesmo ano, outra vitória a nível nacional para a questão da despatologização foi o histórico julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) que a partir do entendimento legal passou a permitir a alteração de nome e gênero na documentação de registro civil das pessoas transgêneras independente de terem realizado procedimento cirúrgico de redesignação de sexo (BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2018).

Entretanto, é importante apontar que a transgeneridade, apesar de não ser uma questão de patologia ou transtorno, é uma condição identitária que requer, em muitos casos, investimentos de cuidados específicos de saúde, como cirurgias e tratamentos hormonais. O Processo Transexualizador foi regulado no Brasil com a Portaria n. 2.803, de novembro de 2013 e é ele quem operacionaliza a assistência médica, psicológica e de assistência social para os processos de transição de pessoas trans e travestis. A testosterona sintética, que inicialmente foi utilizada para doenças como hipogonadismo, é a principal substância para a adaptação sexual dos corpos transmasculinos e foi regularizada pela primeira vez no Brasil em 1998, pela Vigilância Sanitária, como controle do seu uso como anabolizante (VIEIRA; PORTO, 2019).

A hormonioterapia de homens trans geralmente é feita por ésteres andrógenos, com aplicação de testosterona, que são administradas ou por via de injeção intramuscular (Durateston¹, Deposteron² ou Nebido³) ou transdérmica (solução aplicada na pele, como Axeron⁴ ou AndrogeI⁵), em intervalos de tempo que vão de 2 semanas a 3 meses para as injeções, dependendo do medicamento, ou diários, no caso dos géis (CINTRA et al., 2018).

A cartilha *Saúde do homem trans e pessoas transmasculinas*, organizada pela Rede Nacional de Pessoas Trans, vai destacar que a falta de acesso juntamente com a ansiedade para iniciar o tratamento de adequação sexual leva a muitos homens trans a iniciar o tratamento hormonal por conta própria sem supervisão de um profissional de saúde, ou por conta própria, com informações adquiridas pela Internet ou com a orientação de outros

¹ Composto por propionato de testosterona 30 mg + fempropionato de testosterona 60 mg + isocaproato de testosterona 60 mg + decanoato de testosterona 100 mg a 250mg/mL em ampola de 1 mL.

² Cipionato de testosterona a 100 mg/mL em ampola de 2mL.

³ Undecanoato de testosterona a 250mg/mL em ampola de 1 mL.

⁴ Gel de testosterona 1%, em envelope de 5g contendo 50 mg de testosterona.

⁵ Testosterona solução tópica a 2%, a 30 mg em 1,5 mL da solução.

colegas trans (CINTRA et al., 2018).

Neste artigo explanaremos como homens trans têm utilizado a plataforma de rede social do Facebook para obter informações sobre hormonização, política de cuidados específicos e acesso aos serviços públicos de saúde, e também como produzem redes de apoio mútuo naquela espacialidade. Esta investigação é construída a partir de entrevistas com 15 homens trans usuários do Facebook, bem como por meio da observação da sua produção on-line naquela plataforma.

Portanto, apresentaremos aqui quais foram as fontes desses nossos interlocutores, qual o papel da Internet na relação com seus gêneros, especialmente a plataforma Facebook, explicitando suas potências e limitações como fontes de informação e espaço para produção e circulação de saberes sobre transgeneridade. É nesse sentido que esquadriharemos também o uso dos grupos no Facebook, bem como a informação por meio das páginas dedicadas a essa temática.

A escolha dos interlocutores se deu por conveniência⁶: inicialmente foram contatados os sujeitos que faziam parte da minha própria rede social e, a partir deles, pelo método bola de neve⁷, foram agregados outros interlocutores. A partir de um roteiro de entrevista semi-estruturada, foram realizadas conversas em duas ou três sessões por meio digitais (Messenger da própria plataforma ou WhatsApp), de acordo com a necessidade da pesquisa e possibilidade dos interlocutores, no segundo semestre de 2018 e no primeiro de 2019. Outra fase da pesquisa foi a análise dos conteúdos das postagens do Facebook dos interlocutores. A partir da aceitação em participar da entrevista, os perfis em questão foram lidos e acompanhados em um período que ia de 29 de janeiro de 2017 até 29 de abril de 2020. Foram selecionadas postagens que traziam de modo mais explicitado questões de transgeneridade e masculinidade a partir da leitura do pesquisador.

Os lugares éticos na pesquisa com homens trans e na construção de parâmetros negociáveis entre as trocas de saberes neste trabalho foram considerados, levando em conta as assimetrias das identidades de gênero em uma sociedade transfóbicas como a brasileira. Assim, nossa aposta epistemológica é evidenciar processos de *corporificação*, *parcialidade*, *objetividade e localização da pesquisa e do pesquisador* na produção de conversas e códigos que enredam corpos e significados possíveis (HARAWAY, 1995), além de considerar uma experiência não essencialista trans e a coprodução de saberes.

Nossos interlocutores⁸ foram⁹: Berilo¹⁰, 30 anos, indígena, nutricionista, nortista; Daniel, 27 anos, branco, designer gráfico, sulista; Dhan, 34 anos, branco, graduando em estudos de gênero e bolsista, nordestino; Emanuel, 25 anos, branco, assistente de qualidade, sudestino; Gabriel, 28 anos, branco, autônomo, sudestino; Iago, 26 anos, branco, trabalhador em hotel e creche para cachorro, sudestino; Izah, 25 anos, negro, apresentador e produtor audiovisual, sudestino; João Hugo, 25 anos, negro, fotógrafo, produtor audiovisual, graduando em comunicação social, nordestino; Joaquim, 23 anos, branco, graduando em direito, sudestino; Léo, 48 anos, afrodescendente, serigrafista, graduando em direito, sudestino; Lorrán, 26 anos, branco, cozinheiro, sudestino; Nico, 20 anos, negro, graduando em publicidade e propaganda, nordestino; Rafael, 22 anos, negro, programador, sudestino;

⁶ A amostra por conveniência é uma “seleção de casos ou elementos que estão mais próximos, mais acessíveis ou com os quais é mais fácil ou mais barato trabalhar” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). A vulnerabilidade da população em questão justifica a adoção de tal metodologia.

⁷ O método de amostragem bola de neve é não probabilístico, no qual os sujeitos que fazem interlocução com a pesquisa são sugeridos por outros interlocutores da pesquisa, a partir da rede de seus amigos e conhecidos.

⁸ Chamamos de interlocutores, pois os entendemos como sujeitos que intervêm no debate.

⁹ Todos os dados dos interlocutores foram de autoidentificação, inclusive a opção pelo anonimato. Todos com Ensino Médio completo, a maioria cursando Ensino Superior, alguns já formados. Todos são de família de trabalhadores.

¹⁰ Nome fictício a pedido do interlocutor.

Stephan, 22 anos, negro, eletricista de manutenção industrial; técnico em mecatrônica, sudestino; Viktor, 25 anos, branco, graduando em biotecnologia, sudestino.

Informação sobre transgeneridade na ambiência digital

Nas conversas com nossos interlocutores, constatamos que eles têm, significativamente, como fonte de informação sobre transgeneridade conteúdos que foram acessados pela Internet, marcadamente pelas plataformas de redes sociais (inclusive alguns afirmam serem essas a única fonte). Em uma sociedade estruturalmente transfóbica – vale lembrar que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans do mundo (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020) – aproximar-se do tema da transgeneridade por meio dos meios de comunicação digital é uma forma possível e um pouco mais segura, e seus usos servem para o aprofundamento do conhecimento desse aspecto definidor de si, o gênero. Na solidão de descobrir-se e ter que lidar com todas as transformações e decisões que envolvem ter que viver com o gênero com o qual se identifica, na busca por informação sobre transgeneridade, a Internet parece ser um espaço não só estratégico, mas fundamental para essa geração de homens trans.

O que as histórias dos nossos interlocutores nos contam e produzem em comum é que mesmo que a descoberta dessa identificação seja distinta entre eles (por encontro, confrontação ou descoberta “de um igual”) o que acontece logo após é bastante parecido: busca-se um aprofundamento na Internet, especialmente nas plataformas de rede social, grupos on-line ou motores de busca. A Internet é um veículo para trazer aproximação com outros sujeitos trans e a importância dessa troca de experiência para a própria aceitação da transgeneridade é demarcada. Além da Internet, grupos de apoio e de militância de pessoas transmasculinas e seus eventos são uma significativa maneira de (in)formar-se. É bastante significativo as ações do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT)¹¹ em distintas capitais do Brasil para o acesso à informação de homens trans e na sua aceitação.

O acesso à informação sobre a condição trans que sempre fora intermediado pelo especialista detentor do saber, médicos endocrinologistas e psiquiatras, é propiciado pelas plataformas digitais em um contato muito mais direto, não só com a informação científica e procedimental dos processos transexualizadores, mas também com as experiências de outros sujeitos, inclusive contando com suporte de alguns deles. Além da Internet e de eventos e grupos formados por homens trans, os interlocutores afirmam ter obtido informação junto a um profissional da psicologia para auxílio no processo de descoberta e autoaceitação. Instituições de ensino, conversas e mesmo filmes e narrativas seriadas televisivas também são citados como maneira de informar-se.

Os interlocutores descrevem a Internet como “fundamental”, “crucial”, “muito importante” e “essencial” para seus processos de descoberta e transição de gênero. Dhan, um dos nossos interlocutores, chega a dizer que sem as plataformas digitais não teria tido acesso a quase nada das informações sobre transgeneridade que obteve; Rafael diz que antes da Internet desconhecia totalmente a temática trans; e Joaquim afirma que seu processo de transição sem a Internet seria virtualmente muito mais demorado. Por isso, nos interessou saber em que aspectos ela foi tão importante na produção subjetiva da transgeneridade.

A Internet e as plataformas digitais auxiliaram os homens trans que conversamos a conhecerem-se melhor e entender o que acontecia com eles em relação à incongruência do gênero. Foram nos aparatos tecnológicos digitais on-line que eles conseguiram elucidar

¹¹ O Instituto, fundado em 2013, tem como objetivo desenvolver e monitorar “pesquisas e discussões, formação política, incentivo à militância e controle social” de homens trans e pessoas transmasculinas (NERY, 2018).

dúvidas sobre a condição trans, inclusive em seus aspectos psicológicos e no entendimento do que acontecia consigo (infelicidade, incompletude, sensação de não-pertencimento).

A Internet agilizou, para eles, o processo de “entender-se” e “descobrir-se”, bem como encorajou alguns a vivenciar a transgeneridade, especialmente pela sensação de apoio e acolhimento coletivo em ambientes on-line:

A internet foi realmente substancial para a minha descoberta e para o início do meu processo de transexualização, me ajudou por me colocar em contato imediato com homens e mulheres que já estavam transicionando, me deu segurança no que tange a própria hormonização, através de documentações pessoais de outras pessoas trans, como vídeos e fotos que dignificavam todas as mudanças que a gente passa com a ajuda dos hormônios. Acima de tudo, me deu muito incentivo e ânimo para eu me assumir, procurar um profissional capacitado para que eu pudesse enfim começar a hormonização e realmente ser feliz (Joaquim, conversa realizada em 2018).

Além disso, a Internet foi onde nossos interlocutores significativamente conseguiram as informações sobre a questão trans. Destacaram significativamente a qualidade de fazê-los entender como funciona o processo de hormonização (terapia hormonal), bem como seus efeitos e consequências. Também foi lá que encontraram informações de como retificar a documentação (prenome e gênero), onde encontrar especialistas e cirurgiões, evidenciou a realidade da população trans no país e auxiliou no uso dos termos melhores para referir-se à transgeneridade.

Outra qualidade levantada foi a de permitir conhecer pessoas “do meio T”¹², proporcionar troca de experiências, ideias e informações. Ela trouxe representatividade para alguns desses homens, uma vez que o local de moradia não possuía pessoas trans com as quais convivessem, de tal modo que, por meio de vídeos na Internet, foi possível reconhecer-se. Os diversos grupos de pessoas trans (homens e mulheres) e indivíduos produzem ajuda e suporte aos sujeitos, seja na *timeline*, em grupos de apoio e troca de informação (de homens trans ou de pessoas trans) e páginas de coletivos de pessoas trans no Facebook, ou ainda em canais do Youtube, buscas no Google, grupos de homens trans pelo Whatsapp ou sites feitos e voltados por/para pessoas trans.

Izah enumerou em que a Internet contribuiu para sua transição, ao funcionar como vetor de grupos organizados de homens trans, como o IBRAT, para ter acesso a hormônios e encontrar com outras pessoas que vivem a interseccionalidade de suas marcas identitárias de gênero e raça:

[A Internet] vem mais quando eu descubro o Ibrat, quando eu descubro que ia ter a formação, de um grupo que era o Instituto Brasileiro de Transexualidade, de pessoas trans masculinas e tudo mais, aí foi quando eu, minimamente, me encontrei com um número maior que se identificam igual a mim e a gente foi se fortalecendo nesse processo, tanto da militância quanto na questão da transição. Meu primeiro hormônio eu comprei foi pela internet também, foi via clandestina, eu não tinha ainda acompanhamento médico, tive que comprar pela loja on-line, até a questão de encontrar outros caras trans negros foi via internet também porque aqui no Brasil a gente não tem muito essa política e tudo mais (conversa realizada em 2018).

A Internet serve também de apoio a profissionais da psicologia para aprendizado mútuo com os homens trans em processo de autoconhecimento, inclusive diversificando

¹² Pessoas transgêneras e/ou militantes e interessadas na questão.

pontos a serem levantados. A Internet também foi utilizada para divulgar informação que se conseguiu em meios institucionais públicos *off-line* para contribuir com outros sujeitos trans.

Em uma perspectiva não determinista, a Internet atua como uma facilitadora e potencializadora de informação e contatos com uma certa qualidade sobre a questão trans. Novamente se procurarmos traçar a partir dos relatos de experiência dos interlocutores o que significa para essa geração de homens trans o contato com essa tecnologia, me parece que há quantitativamente e qualitativamente outros agenciamentos para as subjetividades transmasculinas em uma distinta potência em relação a outros tempos.

Dentre as informações que são possíveis acessar pelo Facebook estão: hormonização, cirurgias, centros de apoio, ambulatório e profissionais especializados em questões trans e produtos voltados para essa população. O Facebook fez com que se estabelecesse contato com outros homens trans para troca de experiência. Alguns usuários postam sobre seus processos de transição e servem de modelo a outros. Há uma troca entre os que descobrem coisas para os demais:

[...] aqui [no Facebook] fui capaz de me tornar mais próximo de outras pessoas trans, de outros estados, criar amizades e militar de forma mais explícita para as pessoas da minha vida, não necessariamente pessoas do meu cotidiano, mas pessoas que me conhecem e que me acompanham de uma forma ou de outra. Ao passo que eu me informava com o que encontrava por aqui, compartilhava para os outros se informarem também. Também me tornei parte de grupos especificamente voltados para a minha vivência! (Joaquim, conversa realizada em 2018)

Nos grupos fechados destinados a homens trans, os que estão a mais tempo usando testosterona tiram dúvidas dos que estão iniciando. Neles também é possível comprar hormônios, minoxidil (um vasodilatador que faz crescer pelos, usado especialmente para crescimento dos pelos da barba) e há indicações de profissionais e também produtos específicos para homens trans como *binders* (coletes ou faixas para esconder os intrusos, os peitos) e os *packers* (próteses penianas específicas para homens trans). Também encontram nesses grupos informações sobre questões legais, como a troca de nome nas documentações.

Algumas das informações sobre transgeneridade aparecem para alguns apenas nesses grupos fechados do Facebook, especialmente as voltadas para hormonização e modificações corporais. É quase unânime a importância do grupo “Transgêneros e os hormônios” para os homens transgêneros que conversamos. O grupo é fechado e é permitida a participação exclusiva de pessoas transgêneras a partir da aprovação da administração. Segundo artigo de Marcela Aguiar da Silva Nascimento e Marta Leandro da Mata (2020), o grupo possui 22.354 integrantes e trata exclusivamente de hormonioterapia. Alguns disseram que o encontro com esses grupos aconteceu por “sugestão” do Facebook em referência às sugestões automatizadas que a plataforma oferece a partir do perfil do usuário que o algoritmo traça.

Coletivos de pessoas trans aos quais fazem parte foram conhecidos pelo Facebook. Há o uso da própria busca do Facebook para pesquisar tópicos específicos. É ressaltado a importância de ler também os comentários e as interações a essas postagens. Se o Facebook é uma plataforma na qual é possível encontrar tanto informações sobre saúde quanto sobre política, essas informações, entretanto são consideradas desorganizadas.

Nos próximos tópicos apresentaremos de modo mais detalhado o uso do Facebook como forma de obtenção de apoio e de dar e receber suporte de várias maneiras e, em seguida, sobre usos e modos de funcionamento dos grupos e páginas.

Redes de apoio às pessoas trans pelo Facebook

Ao se enredarem mutuamente na plataforma do Facebook articulados por este aspecto comum que é a transgeneridade masculina, alguns desses homens trans criam espaços para trocas de experiências. Alguns desses homens contam suas histórias para outros homens trans e ouvem e acolhem as de outros. Nesses relatos há experiências negativas como violências transfóbicas dentro da própria casa, mas também positivas, como conquistar espaços e sensação de bem-estar consigo mesmo.

Esses espaços de troca também são para mutuamente se apoiar no sentido de manter a positividade sobre os percalços da transição. Uma das práticas é ajudar pessoas que estão passando por “angústias” similares.

Tem um menino que eu conheci no Facebook, pelo grupo “Transgêneros e os hormônios”, que eu chamo ele de gêmeo porque o que aconteceu na vida dele aconteceu na minha. Tipo, praticamente tudo que aconteceu na vida dele aconteceu na minha, o nome dele é João Miguel inclusive porque eu dei a ideia desse nome. Ele começou a hormonizar junto comigo, e é homem trans gay também, e a mãe dele que não apoiava ele começou a apoiar também depois que ele fez com que ela se informasse (Nico, em conversa em 2018).

O Messenger do Facebook é uma das ferramentas usadas para esses homens se conhecerem, trocar informações, evidenciar interesses comuns e preocupações.

Alguns desses homens trans entendidos como mais experientes ou que já tenham completado sua transição são procurados por outros que estão iniciando, e informam onde e como conseguir acesso a serviços de acompanhamento de saúde em hospitais referência, com descrições de quem vivencia ou vivenciou enquanto usuário, dando informações de como tratar certos funcionários e como se localizar dentro dessas instituições. Inclusive nomes conhecidos da militância e já experientes ao orientarem alguns homens trans em seus inícios e descobertas são tidos como muito importantes nos processos de transição.

Entretanto, a disponibilidade não é unânime, já que houve relato de que alguns outros homens trans da mesma localidade não responderam aos contatos on-line solicitados por um dos entrevistados. Ele afirmou que foi preciso uma mediação entre ele e um outro homem trans de uma pessoa que os conhecia mutuamente para que encontrasse uma orientação mais solícita e produtiva.

João Nery algumas vezes disse ter muitos “filhos” trans. Falava do fato de efetivamente ter ajudado muitos homens trans a se entenderem como tal e encontrar caminhos para suas transições (Iago, um dos nossos interlocutores, foi um deles). Essas ajudas mútuas de homens trans amparando outras pessoas a gerarem-se como sujeitos transmasculinos é o que Donna Haraway chama de processo de replicação ciborgue, um modo de reproduzir-se “desvinculado do processo de reprodução orgânica” (2009, p. 36). Podemos assim entender o atravessamento tecnológico das plataformas de redes sociais também como maneiras não cisheterossexuais – porém sexuais – de reprodução de subjetividades corporificadas transmasculinas.

Há em uma postagem compartilhada por Berilo, um vídeo do ativista transmasculino e escritor João Nery¹³, uma das maiores referências sobre transmasculinidades do Brasil, falando em uma palestra do 15º Seminário LGBT do Congresso Nacional publicado pelo

¹³ WYLLYS, Jean. Transmissão ao vivo da 2ª mesa do 15º Seminário LGBT do Congresso Nacional. Facebook, 06 jun. 2018. 1h05min08s. Disponível em <<https://web.facebook.com/jean.wyllys/videos/1823155607732438>>. Acesso em 13 mar. 2020.

então deputado Jean Wyllys, sobre o uso do Facebook para dar suporte a homens trans de todo o Brasil. No vídeo, Nery afirma:

[...] eu tenho um perfil no Facebook só para atender os homens trans, (...) tem 5 mil garotos, homens trans, no meu perfil João II. E eles vão ao endocrinologista e ele fala que não vai dar testosterona para sapatão, não sabe nem o que é trans. Vai ao psicólogo e ele, ‘você é o quê? Homem o quê? Trans? Faz o seguinte, volta daqui a dois meses, e nós podemos conversar, pois eu vou dar uma pesquisada’ e ainda cobra meia consulta. Quando não diz coisa pior como disse para um trans que eu recebi hoje no meu Facebook, que ele precisava se conhecer melhor para resolver fazer a transição. Ele saiu completamente deprimido e veio me consultar. E eu disse: ‘manda ela ir a merda porque é uma transfóbica’. (...) Existe um grupo dentro do Facebook de mães pela diversidade nacional (...), tem em todos os estados do Brasil, e faz um belíssimo trabalho, dão apoio às mães, aos pais, tanto de trans como de homossexuais. Eu inclusive faço uma troca com essas mães, eu mando as mães que me procuram e elas me mandam os filhos para eu dar o apoio.

Esses trechos da palestra do Nery que selecionei evidenciam como o Facebook era para ele uma ferramenta de atendimento a sujeitos que estavam em crise com o gênero ao qual foram identificados a vida toda e que estavam em processo de descoberta e necessitados de algum acolhimento de suas questões afetivas e práticas, bem como seus familiares. Também demonstra como é uma ferramenta para discutir sobre os serviços de saúde destinados a essa população, tanto de denúncia de maus atendimentos, quanto de sugestão de instituições e profissionais mais acolhedores e preparados para serem priorizados.

Sobre o suporte recebido de outros homens trans no Facebook, destaca-se a ajuda para encontrar e ter acesso a serviços médicos para hormonização e cirurgias. Também estão entre formas de solidariedade recebidas doação de roupas, ajudas emocionais e acolhimento em “momentos difíceis”. Nico afirma que depois de um caso de violência que sofreu em uma franquia de lanchonetes muitas pessoas vieram lhe dar suporte e conselhos de como proceder sobre aquela violência.

Alguns dos homens trans entrevistados foram beneficiados por financiamentos on-line (vaquinhas) feitas pelas plataformas com destaque para o Facebook. Essas vaquinhas feitas por meio de sites especializados nessa categoria de financiamento eram divulgadas principalmente na plataforma de rede social do Facebook. João Hugo fez a vaquinha, mas ganhou toda sua cirurgia de mamoplastia masculinizadora de pessoas que conheceram sua história pelo Facebook:

eu fiz uma vaquinha on-line e compartilhei no Facebook. Um(a)s pessoas me mandaram dinheiro para eu fazer minha cirurgia e não foi o valor suficiente para custear minha cirurgia. Uma pessoa, muito rica, e eu não falo só muito rica de dinheiro falo rica de espírito também, mandou eu fazer os meus exames e disse que pagaria tudo para mim. Hospedagem, porque eu ia ficar na casa dessas pessoas, passagem, minha e de mais um acompanhante e a cirurgia. Foi isso que eu ganhei, a minha cirurgia. Claro que, como eu trabalhava nessa época, parte dessa grana foram meus custos, porque a pessoa não deixou – na verdade foi uma senhora, uma mulher, um casal, ela e o marido –, ela não me deixou arcar com nada que fosse relacionado a cirurgia, e eu disse que ‘não’, que, pelo menos, pelos medicamentos eu queria arcar. Mesmo assim ela não deixou, então o dinheiro que eu arrecadei da minha cirurgia e o dinheiro do meu trabalho que eu estava juntando foi distribuído em outras vaquinhas, sabe? (conversa em 2018).

Enquanto suporte oferecido, muitos desses homens, por sua vez, contribuem com as vaquinhas para cirurgias de outros homens trans (algumas vezes de modo anônimo) e também se mobilizam em compartilhar esses financiamentos coletivos pelas plataformas de rede social. Essas vaquinhas também são feitas para outros momentos da vida, como financiamento de ensino.

Entre os apoios dados estão vestimentas, conselhos, suporte emocional, direcionamentos, solução de dúvidas e companhia on-line. Parte dessa comunicação também inclui informações sobre o processo de descoberta da condição transmasculina, como é a vivência após assumir-se, como se relacionar após se abrir com a família e com os amigos, e encaminhamentos legais e institucionais:

Tento sempre tirar as dúvidas das pessoas trans sobre hormonização, saúde, ambulatórios TT, médicos sensíveis à causa trans, nome social, etc quando sei o que responder! Quando retifiquei, postei no grupo e pedi pra as pessoas trans mandarem suas perguntas e respondi todas com a ajuda de mais dois colegas meus (Nico, 2018).

Léo afirma que esse suporte emocional dado por pessoas trans e travestis entre si é muito importante em tempos de crise do sujeito: *“pq sabemos o que passamos e sentimos basicamente, as mesmas dores”*. Especialmente, segundo ele, para suportar *“a carga violenta que essa sociedade nos impõe”*. Um dos interlocutores dá suporte por meio da página de um coletivo do qual faz parte, mas sem se identificar.

Pelos relatos há uma simetria entre as ações de dar e receber suporte on-line, evidenciando que há uma troca em rede. Alguns dos interlocutores, porém, não receberam nem deram suporte a outros usuários do Facebook. Alguns desses homens, ainda, disseram que ofereceram suporte, mas não pediram ou o buscaram para si, por serem independentes ou mais reservados sobre suas questões. Aqui há uma possível reminiscência de masculinidade cisgênera naquele lugar em que reprimir necessidades, recusar cuidados e negar as fraquezas ou vulnerabilidades (MACHIN et al., 2011) são seus componentes constituintes.

Usos, conteúdos e regras de grupos e páginas do Facebook sobre transgeneridade

Grupos

Destaque enquanto espacialidade e ferramenta para produção coletiva de saberes no Facebook, nos interessou investigar os grupos no que tange às informações que podem ser ali adquiridas, características de alguns destes grupos e quais as regras de convivência que possuem.

Entre as informações encontradas nesses grupos estão as dificuldades do processo de transição, onde encontrar médicos especialistas nos assuntos trans, hormonização – efeitos colaterais, resultados de processos de transição, quais hormônios as outras pessoas estão usando –, cirurgias ou sobre a atualização da legislação. Desaparecimento de pessoas trans, quais as melhores marcas de testosterona e o ciclo de funcionamento de cada uma delas, também são temas possíveis de serem encontrados nesses grupos, além de datas e locais de reuniões de encontros e articulações entre pessoas trans. Alguns grupos mais abertos, não tratam apenas sobre questões trans, eles abordam também dúvidas sobre relacionamento, dicas de curso, faculdade. São espaços nos quais algumas pessoas que não têm outros lugares para falar, podem interagir. Também há grupos só para entretenimento e humor feito por e

para pessoas trans.

Uma das características desses grupos é que eles abarcam muita diversidade de idade de pessoas trans e especialmente os mais jovens tensionam os assuntos para a questão de início da transição, suas dificuldades e hormonização. A maioria dos grupos são “mistos” de pessoas trans, binários e não-binários. Alguns grupos citados eram mais abertos, pois eram para LGBTs em geral. Uma minoria faz parte de grupos exclusivamente de homens trans e esses grupos não seriam tão ativos quanto outros, mas que possuem conteúdo específico importante.

Em alguns grupos há a participação de familiares de pessoas trans nos quais eles compartilham relatos de suas relações. São grupos em que “*esposas, mães, falam sobre o processo e transição dos seus filhos e esposos/namorados, contando dificuldades, conquistas, alegrias*” (Izah, 2018).

Entretanto, a principal regra dos grupos dedicados à questão trans é a de não adicionar pessoas cisgêneras. A razão capital é que alguns sujeitos cis entravam nesses grupos buscando relações sexuais (“mariconas” e “T-lovers”) e muitas vezes entendendo o conjunto das pessoas como prostitutas. Além disso, essa proibição se justifica pelo fato dos assuntos relativos à transição só disserem respeito às pessoas trans, a necessidade de criar espaços em que essas pessoas se sintam confortáveis de dizer sobre esses determinados assuntos longe da visão das cisgeneridades e o fato de lá estarem expostas imagens de seus corpos. Algumas vezes essa regra vem associada à necessidade do novo participante ser convidado por outra pessoa trans. João Hugo (2018, por áudio) conta como uma vez essa normativa afetou-o como homem trans possivelmente pela questão da passabilidade:

[...] eu acho que acharam que eu era cis e tal e me excluíram [risos]. Porque eu postei uma foto muito antiga que estavam eu, a [minha namorada] Selena e mais dois homens trans sem camisa na praia, né? Ou eu fui banido por conteúdo que teoricamente acharam que era nudez, porque homem trans com peito para fora não é nudismo, homem cis pode ficar com os peitos pra a rua, então por que os homens trans não podem? Ai, enfim, me excluíram.

Outra regra é só tratar exclusivamente de pautas trans. Em algumas postagens com *selfie* é solicitado que nelas houvesse um texto associado que evidenciava a terapia hormonal (ou não) que era utilizada. É requerido ter respeito, ser empático e ajudar os outros membros. Não é permitido fazer comentários, nem ter atitudes transfóbicas. Para os homens trans a regra é não ter atitudes machistas ou misóginas. Não ofender e não expor aos outros.

Regra distinta era a de não criar comparação entre os membros (não se comparar), entendendo que o hormônio tem efeitos distintos entre as pessoas. Isso porque havia situações em que uns faziam “*chacota pq o outro tava mais afeminado, o outro mais "masculino" (e também em relação as meninas). E tinha muitas disputas em relação a "físico". Então acaba que um ou outro ficava pra baixo (sendo que os grupos são para ajudar um ao outro)*” (Emanuel, conversa em 2018). Emanuel explicou sobre alguns grupos de homens trans focados na temática *fitness* nos quais existiam muita disputa e comentários debochados sobre aqueles que não possuíam um certo padrão corporal mais musculoso, estimulando uma hierarquia entre homens trans masculinos másculos e malhados sobre os mais afeminados e gordos.

Outras regras: não postar conteúdo de nudez ou violência explícita, evitar fazer postagens repetidas (verificando antes se não há um tópico que já discuta o assunto levantado) e evitar anúncios de vendas. Diferentemente, grupos que são exclusivamente para venda só podem ter posts para essa finalidade.

Páginas

Já em relação às páginas, diferentemente dos grupos, com poucas exceções, os homens trans que conversamos disseram que, apesar de as seguir, não acompanham seus conteúdos. Desse modo, nos parece que seguir páginas com conteúdo trans talvez seja quase um modo de afirmar sua identidade no perfil do Facebook. Significativamente a página que parece mais provocar interesse é a página do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades, Ibrat, que foi citada por alguns desses interlocutores.

De qualquer maneira, após prévio levantamento das páginas que os interlocutores seguiam e que se dedicavam exclusivamente sobre a questão trans, fizemos uma análise das temáticas que essas páginas versavam e quais os posicionamentos tomavam. Aqui entendemos que essas páginas eleitas por esses sujeitos estão manejando um universo veritativo no qual orbita a questão transgênera nesses espaços on-line.

Nesse sentido, como caracterização do *corpus* temos que, a grosso modo, as páginas de redes, associações e institutos trans tendem a tratar de aspectos da oficialidade, dados numéricos, políticas para pessoas trans, ligados de certo modo a governabilidade, ou seja, da questão trans em sua relação com os poderes estabelecidos; já as páginas informativas sobre as questões trans têm se dedicado a aglutinar conteúdo informativo sobre o tema inclusive de outros sítios da Internet; e as páginas de coletivos trans têm produzido conteúdo analítico conjectural em diálogo com a produção acadêmica e dos movimentos sociais.

As páginas analisadas no período considerado trouxeram fortemente a discussão da despatologização das identidades trans. As postagens estavam ligadas à questão do CID-11, que foi a publicação da 11ª versão da *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*, lançada em 18 de junho de 2018, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), na qual a transexualidade foi retirada da lista de doenças mentais e passou a ser classificada como incongruência de gênero entrando na categoria de questão relacionada à saúde sexual.

Uma questão agregadora e bastante evocada no discurso das páginas é a violência contra pessoas trans, especialmente os assassinatos. É bastante reforçado pelas páginas o fato do Brasil ser o país que mais mata trans no mundo e que durante o período levantado era morta em média uma pessoa trans a cada 48 horas. Sobre os assassinatos, o controle e monitoramento feito pelas organizações trans (Antra, IBTE e Rede), organizado em dossiês, são divulgados pelas páginas dessas instituições, replicados, e implicados com dados de organizações internacionais. O levantamento é feito por essas instituições por meio de notícias de jornais, por denúncias na Internet e por contato direto, o que sugere também que uma subnotificação dos casos.

Outra demanda que aparece significativamente no período é a questão da retificação nas documentações do prenome e do gênero. Há bastante indicações de procedimentos para realizar alteração da documentação, tanto em informar sobre as possibilidades legais quanto como se organizar diante da burocracia. Há dois momentos dessas postagens, antes e depois do fato de em 2018 o Supremo Tribunal Federal decidiu “reconhecer aos transgêneros que assim o desejarem, independentemente da cirurgia de transgenitalização, ou da realização de tratamentos hormonais ou patologizantes, o direito à substituição de prenome e sexo diretamente no registro civil”.

Além da despatologização das identidades, da violência e da retificação de prenome e sexo, as páginas dedicaram-se especialmente a questão do processo transexualizador e dos ambulatorios de referência para a saúde trans, da inclusão e a exclusão institucionais (marcadamente instituições de saúde e educação), ideação suicida e a produção de dados oficiais sobre a população trans.

Curioso notar que, de modo geral, o conteúdo das páginas aborda mais uma

perspectiva política e comunitária da população trans, enquanto os grupos abordam mais um aspecto que tange o sujeito tanto em seus processos de transição como numa perspectiva ética e estética e que, pelas nossas conversas, para nossos interlocutores essa segunda provoca mais interesse e tem mais adesão. Acreditamos que o fato de os grupos possibilitarem uma gestão maior de quem entra e visualiza seu conteúdo proporciona uma mais evidente sensação de estar entre os seus.

Conclusão

Com este trabalho quisemos evidenciar como o Facebook pode assumir um papel importante para pessoas transmasculinas obterem informações sobre transgeneridade ao permitir um acesso mais direto a informação sobre saúde com outros homens trans sem a necessidade de intermediação de detentores dos saberes avalizados que muitas vezes entendem ainda a transgeneridade como doença. Esse acesso se dá através da experiência de outros sujeitos que compartilham vivências comuns e, portanto, oferecem também suporte afetivo. Não ignorando os riscos para a saúde, essas ambiências adquirem a importância de serem espaços seguros de um contato inicial para solucionar dúvidas com outros homens transgêneros mais experientes.

Entender sobre a transgeneridade, como ter acesso e modos de usar tecnologias sexualizantes, como hormônios, próteses, bombas, substâncias de estímulo ao crescimento dos pelos corporais, cirurgias, centros de apoio, ambulatório e profissionais especializados em questões trans e produtos voltados para essa população, são algumas informações que são possíveis de serem adquiridas nesses espaços. É nesse agrupamento propiciado pela tecnologia que esses homens trans, que muitas vezes ainda estão se entendendo como tal, adquirem informações sobre como funcionam tais processos, bem como seus efeitos e consequências. Também é nesses espaços, com regras próprias estabelecidas por seus participantes, que se sugerem especialistas e centros de saúde mais sensíveis e abertos à população trans. É ali no Facebook também que se estabelecem contatos afetivos com outros homens trans para troca de experiência e ajuda mútua, já que muitas vezes estão passando pelas mesmas dores e delícias de serem quem são.

Referências

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Antra, IBTE, 2020.

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Ação direta de inconstitucionalidade nº 4275/DF – Distrito Federal. Relator: Marco Aurélio**. 2018. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=2691371>. Acesso em: 21 mar. 2020.

CINTRA, Cauã; CARMO, Rafael; CUNHA, Siqueira Flávia; FERREIRA, Luca; CHIBA, Julian. **Saúde do homem trans e pessoas transmasculinas**. Rio de Janeiro: Núcleo de Homens Trans da Rede Trans Brasil, 2018. Disponível em: <http://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Cartilha-Homens-Trans.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CLAM, Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. **Princípios de Yogyakarta**. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso em: 11 maio. 2020.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HARAWAY, Donna J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S. l.], v. 0, n. 5, p. 7–41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 18 mar. 2019.

HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33–118. DOI: 978-85-7526-395-2.

MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia Thereza; DA SILVA, Geórgia Sibeles Nogueira; SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; FIGUEIREDO, Wagner dos Santos; VALENÇA, Otávio Augusto; PINHEIRO, Thiago Félix. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: Estudo com profissionais de saúde da atenção primária. **Ciência e Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 16, n. 11, p. 4503–4512, 2011. DOI: 10.1590/s1413-81232011001200023.

NASCIMENTO, Marcela Aguiar da Silva; MATA, Marta Leandro Da. Comportamento informacional de travestis multiplicadoras: a reconstrução da cidadania através da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, p. 1–24, 2020. Disponível em: <https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/1308/1196>. Acesso em: 3 mar. 2020.

NERY, João W. Transmasculinos: invisibilidade e luta. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 393–404.

VIEIRA, Cleiton; PORTO, Rozeli Maria. “Fazer emergir o masculino”: noções de “terapia” e patologização na hormonização de homens trans. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 55, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000100505. Acesso em: 9 abr. 2020.